

■ **Trajetos de sentidos entre objetividade e
subjetividade: entrevista com Belmira Magalhães**

HELSON FLÁVIO DA SILVA SOBRINHO

Doutor em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Professor da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPGLL - FALE – UFAL. Pesquisador do Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia (Gedon).

A professora e pesquisadora Belmira Magalhães é socióloga, especialista em Ciência Política, Doutora em Estudos Literários e Pós-doutora em Linguística na área de Análise do Discurso. Atua na Universidade Federal de Alagoas – Ufal, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e também no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. É líder dos Grupos “Estudos do Discurso e Ontologia – Gedon” e “Gênero e Emancipação Humana”, ambos cadastrados no CNPq. Suas pesquisas e produções são desenvolvidas nas áreas: 1. Análise do Discurso Político; 2. Literatura; 3. Estudos de Gênero. Seus trabalhos têm ênfase nos seguintes estudos: ideologia e inconsciente, história, política, gênero, literatura e sociedade.

Helson da Silva Sobrinho – Professora Belmira, a senhora é socióloga, especialista em Política, em Literatura e em Análise do Discurso, pesquisa questões relacionadas à mulher, à arte, às relações de trabalho e às práticas políticas, ou seja, trata-se de uma formação extensa e, hoje, cada vez mais difícil de ser encontrada em pesquisadores/professores da atualidade. Avaliando o seu trajeto, como a senhora compreende esse percurso traçado entre várias áreas do conhecimento?

Belmira Magalhães – Embora possa parecer muito amplo, minhas pesquisas possuem uma coerência teórico-metodológica que é dada pela abordagem materialista-dialética, que tem como base Marx e Lukács. O enfoque principal das pesquisas visa perceber formas ideológicas diversas utilizadas pela classe dominante e buscas de resistências dos dominados. Para complementar a percepção do sujeito discursivo, fiz o pós-doutoramento tendo como enfoque a relação entre ideologia e inconsciente, aprofundando estudos sobre esse último conceito a partir de Freud e Lacan.

Helson da Silva Sobrinho – Já que nos referimos sobre o fazer científico, como a senhora entende a relação entre ciência e ideologia? E quais os autores que fundamentam as bases teóricas de seu pensamento sobre essa questão “ciência e ideologia”, uma questão tão inquietante, e por vezes, tão controversa nas ciências humanas e sociais?

Belmira Magalhães – Como salientei, a perspectiva marxiana que eu adoto, enfatiza uma impossibilidade de disjunção da ideologia no fazer científico, em qualquer área de investigação, sendo que para as ciências humanas e sociais, esse entrelaçamento é ainda maior. Há um equívoco bastante disseminado entre os pesquisadores que adotam uma perspectiva liberal, que infelizmente possuem o domínio político do fazer científico na atualidade, de associar ideologia à ausência de objetividade e de metodologia. A perspectiva marxiana, tem por objetivo a objetividade, buscada através da relação entre a essência e a aparência dos fenômenos pesquisados. Só um estudo objetivo possibilita chegar a conceitos explicativos da realidade, como fez, por exemplo, Marx, ao mostrar o funcionamento do sistema capitalista, através do conceito de mais-valia. A busca do entendimento das contradições históricas é passo fundamental para encontrar formas de resistência à exploração do trabalhador, perspectiva ideológica adotada pelo fundador do materialismo histórico-dialético.

Helson da Silva Sobrinho – Pensando de modo específico sobre a Análise do Discurso (AD), sabemos que há certa tensão entre marxismo e psicanálise, particularmente sobre a noção de real, consciência e o inconsciente na teoria do discurso. Apesar disso, em seus trabalhos, a senhora tem buscado tratar dessas questões sobre o sujeito e a conjuntura histórica, por isso, pergunto: qual o papel da consciência? Mais especificamente: qual o papel da teoria marxista, em seus trabalhos e como a senhora tem

articulado nas suas pesquisas o conceito de inconsciente da psicanálise freudiana e lacaniana com o de consciência de classe da teoria marxista?

Belmira Magalhães – A tensão entre marxismo e psicanálise continua. São dois campos do saber com especificidades que não podem ser reduzidas, no entanto, dependendo do tratamento que se faz de algumas categorias desses campos teóricos, vejo a possibilidade de uma convivência em AD, sem a perda da especificidade de cada uma. Não podemos esquecer que a linguagem é a grande mediadora dessa possível utilização de algumas categorias.

Nas minhas pesquisas parto do princípio marxiano de que nada que é humano escapa da determinação histórico-social, do real da história. O marxismo traz estudos sobre a consciência que afirmam que esta capacidade humana é individual, quando falamos de individualidade estamos nos referindo a uma instância do ser que é necessariamente, como já frisamos, histórico-social; que permite que as ações humanas sejam refletidas anteriormente, isto é, possuam uma teleologia. Para Freud, o complexo psíquico é formado pelo ego (nível consciente), pelo super-eu e pelo inconsciente, que comanda as ações do indivíduo, sempre individual, o real do inconsciente. Tanto o consciente como o inconsciente se expressam pela linguagem. Ao se expressar, o sujeito então será determinado pelas relações de produção que dominam a sociabilidade da qual faz parte e que produzem ideologias que têm como objetivo o convencimento de todos de seu corpo de ideias, velando as contradições que podem expor seus objetivos. Em contrapartida, esse sujeito possui traços nas suas formações psíquicas que desde a mais tenra idade o “marcaram” e que o condicionam para toda a vida.

O sujeito ao usar a linguagem não controla nem a determinação ideológica e nem os traços inconscientes,

fazendo com que os equívocos e as falhas ocorram, e possibilitem ao analista do discurso perceber os “lugares” de onde seus dizeres estão fazendo sentido.

O conceito de consciência de classe é necessariamente coletivo, não se refere a um indivíduo isolado, representa um estágio em que uma fração de classe ou uma classe possuem em relação à compreensão de seu lugar na totalidade social. Eu tenho pensado sobre como o inconsciente pode funcionar nesse processo, mas são estudos embrionários que ficarão para outra entrevista.

Helson da Silva Sobrinho – A senhora tem trabalhado com a ontologia marxiana, a partir dos escritos de Lukács e tem trazido essas reflexões para a Análise do Discurso. Essa formação tem sido oferecida aos pesquisadores da Ufal, seus orientandos e eu me incluo nessa formação e espaço de reflexão, particularmente, porque fui apresentado pela senhora a esse gesto singular de fazer AD. Por isso pergunto quais os desafios em trabalhar com uma perspectiva ontológica na AD, atualmente?

Belmira Magalhães – São os desafios de trabalhar em qualquer área hoje sob essa perspectiva. A ideologia liberal domina também a área da ciência e não poderia ser diferente numa sociedade capitalista. Uma das consequências desse fato é a afirmação da impossibilidade de explicação da realidade, pois a complexidade do mundo contemporâneo não permitiria mais o uso de conceituações totalizantes e sim a compreensão de aspectos locais da realidade, que se detém nas características fenomênicas do real. A busca da essencialidade do ser social e de suas manifestações conjunturais são rechaçadas.

Do ponto de vista dos estudos da linguagem ocorre a mesma forma de entender os processos linguísticos e mesmo na Análise do Discurso (AD), a maioria dos trabalhos não se detém na explicação das determinações ontológicas que sustentam o sistema capitalista. Há apenas

um tangenciamento dos fundamentos da realidade, o que leva a exaltações de discursos que aparentemente são contestatórios mas, na realidade, reforçam a ideologia liberal do agir individual ou coletivo, para que a exploração de classe fique no mesmo lugar. A tônica geral é que não há possibilidade de mudar o sistema, cabe apenas adaptá-lo e adaptar o indivíduo para melhorar as “grandes” injustiças.

Nesse sentido, acho que o que nós do grupo de AD, da UFAL, estamos realizando é de fundamental importância, pois mostra a possibilidade de um enfrentamento mais essencial da ideologia liberal. Lógico que não estou afirmando que todos os nossos trabalhos chegam a esse âmago, mas estamos sempre tentando.

Helson da Silva Sobrinho – É comum dizer que a Análise do Discurso tem um objeto próprio, ou seja, o discurso, e também um método próprio que se diferencia das ciências sociais e da Linguística. Como a senhora compreende essa formulação? Assegurar um objeto e um método seria uma garantia de objetividade na produção de conhecimento

Belmira Magalhães – Não diria que garante, mas é o primeiro passo. Em termos de método, acho que não se diferencia completamente das ciências sociais de vertente marxista. A AD ao se deter no funcionamento da linguagem de forma discursiva traz um enriquecimento da objetividade para os estudos das ciências sociais que trabalham com documentos, com entrevista, foi por isso que emigrei para a AD. Sendo nesse sentido que nosso objeto é específico – o discurso –, não a fala dos entrevistados, não o conteúdo dos documentos etc., mas algo que tem uma abrangência própria e encaminha toda a metodologia da análise. Em relação à linguística, o salto é muito maior, a ultrapassagem dos estudos formais e funcionalistas da língua permitiu tratar a realidade histórica e as contradições do sujeito como constitutivo

dos estudos da linguagem, sem deixar de levar em conta o funcionamento que a própria língua permite, como, por exemplo, os lapsos, os deslocamentos que permitem a conclusão da não transparência da linguagem e de sua capacidade de não comunicar.

Helson da Silva Sobrinho – Segundo Lukács, “o homem é um ser que responde”, assim, se somos seres respondentes, como a senhora avalia a maneira como a Universidade está respondendo às demandas sociais do contexto histórico atual? E como a Análise do Discurso, em seu caráter acadêmico-científico nas relações institucionais, está sofrendo e também respondendo às pressões da crise do mundo capitalista?

Belmira Magalhães – A universidade é parte da sociedade, todas as contradições que afetam uma sociabilidade estão reproduzidas no espaço acadêmico. As áreas que dominam na sociedade, dominam na universidade, basta olhar as dependências dos professores das áreas de ciências exatas e das áreas das ciências humanas. Isso não ocorre porque esses professores são mais produtivos ou melhores, mas porque as fontes de fomentos que essas áreas possuem são muito mais numerosas do que as das humanidades. Penso agora no nosso grupo de pesquisa para continuar respondendo. De um lado, o número de dissertações e teses que temos orientado que procura entender as políticas educacionais e como elas mantêm as disparidades de classes cresce a cada dia nos projetos de nossos orientandos e tem tido uma repercussão enorme. Por outro lado, nossas pesquisas também desvelam a atuação da ideologia liberal dominante que tenta homogeneizar o pensamento e as ações dos indivíduos, buscando sempre um consenso que só beneficia os poderosos em todos os níveis em que eles atuam. A luta que as humanidades travam para mostrar que fazem ciência se transfere para o interior da própria área das Letras. Alguns colegas, em vez

de primar pela excelência de seus trabalhos, como alguns fazem, perdem muito tempo em dizer que a AD não tem objetividade, qualquer coisa pode ser interpretada de qualquer maneira etc. Responder a isso é trabalhar com seriedade e competência e não ouvir esses ecos dos que competem, não para entender e transformar a realidade, mas para mantê-la no mesmo lugar e se beneficiar com isso. Nossa prática tem sempre como meta um mundo sem qualquer preconceito, para isso trabalhamos.

Helson da Silva Sobrinho – Na conferência do VI Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – Elfe, em novembro de 2012, em Maceió, a senhora fez a apresentação da professora Eni Orlandi, prestando a ela uma bela homenagem ao ressaltar as questões da linguagem e do político. Quais as contribuições de Eni Orlandi para sua formação como pesquisadora em AD? E como a senhora vê os trabalhos desenvolvidos pela professora Eni Orlandi na formação dos analistas de discursos no Brasil?

Belmira Magalhães – Descobri a AD pelas aulas da Eni Orlandi. Estava fazendo o mestrado em literatura, quando, em consequência de um acordo entre o IEL/UNICAMP e o PPGLL/UFAL, Eni Orlandi veio dar um curso. Fiquei maravilhada e nunca mais deixei de estudar essa área. É interessante que fiz o doutorado em literatura, mas minha tese já estava afetada pela AD. O que me fez dedicar a AD foi o encontro que ela permite entre o marxismo e os estudos linguísticos. Abandonar a análise de conteúdo e me dedicar ao funcionamento discursivo tornou minhas pesquisas muito mais objetivas, com uma comprovação dos resultados a partir do funcionamento discursivo da materialidade linguística. O encontro com Orlandi mudou o rumo de meus estudos, que mantiveram, todavia, o materialismo histórico-dialético como norte. Eni Orlandi fez e ainda faz isso por todo o país, transforma o saber acadêmico numa práxis teórica.

Helson da Silva Sobrinho – Por fim, o que a senhora diria para os pesquisadores que estão iniciando na Análise do Discurso e também àqueles que estão vivenciando esse entremeio, por vez conflitante, de fazer ciência e fazer política ao mesmo tempo?

Belmira Magalhães – Como disse, fazer ciência é sempre um ato ideológico e político. Desde a escolha do que estudar e o método escolhido estão implícitas consequências sociais e políticas. Os resultados de uma pesquisa podem interferir na realidade do ponto de vista dos seres humanos ou do ponto de vista do capital, nas sociedades atuais a prevalência em todas as áreas recai para a segunda opção. As agências de fomento priorizam os projetos dessas linhas e até seus formulários se dirigem aos pesquisadores que fazem pesquisas sem a perspectiva dialética. A análise do discurso – AD – se apresenta nos anos 1960 como uma intervenção direta do político no fazer científico, no sentido de entender o mundo para poder intervir, fazendo o que Marx denominou de práxis teórica. Analistas do Discurso precisam ter esses objetivos, os alcances acadêmicos surgem como consequência de um bom trabalho orientado para o desvelamento da realidade. Alguns se perdem nesse caminho e apenas visam formas de melhorar a performance acadêmica. Nós sabemos, que sempre é tempo de lutar. E, continuamos.